



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADE “OSMAR DE AQUINO”
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS/INGLÊS**

ALEXANDRE DOS SANTOS DIONIZIO

A IRONIA VERBAL EM “O BARRIL DE AMONTILLADO”, DE POE

**GUARABIRA
2018**

ALEXANDRE DOS SANTOS DIONIZIO

A IRONIA VERBAL EM “O BARRIL DE AMONTILLADO”, DE POE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à Graduação em Letras/Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras Inglês.

Orientador: Prof. Dr. Willian Sampaio Lima de Sousa

**GUARABIRA
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

D592i Dionizio, Alexandre dos Santos.
A ironia verbal em "O barril de amontillado", de Poe
[manuscrito] : / Alexandre dos Santos Dionizio. - 2018.
25 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2018.

"Orientação : Prof. Dr. Willian Sampaio Lima de Sousa ,
Coordenação do Curso de Letras Inglês - CEDUC."

1. Conto. 2. Ironia Verbal. 3. Poe.

21. ed. CDD 801.95

ALEXANDRE DOS SANTOS DIONIZIO

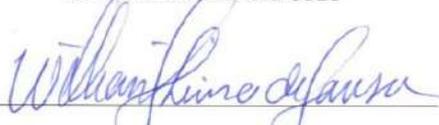
A IRONIA VERBAL EM "O BARRIL DE AMONTILLADO", DE POE

Trabalho de Conclusão de Curso em
Licenciatura Plena em Letras-Inglês da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Graduado em Letras/Língua Inglesa.

Área de concentração: Literatura.

Aprovada em: 13/06/2018.

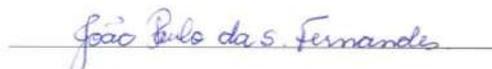
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. William Sampaio Lima de Sousa (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Auricélio Fernandes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. João Paulo da Silva Fernandes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos meus pais, Josefa dos Santos e José Luiz Dionizio, pois, sempre estiveram ao meu lado. Agradeço aos meus Irmãos pelas contribuições de espírito familiar, à minha esposa Ana Claudia e os demais familiares.

Agradeço às Irmãs de Maria Menina, em especial: Ir. Zita Rubin, Ir. Nazarena, Ir. Maria José e Ir. Flávia e as demais. Meus amigos de trabalho Jonas e Severino Cabral.

Aos meus amigos de salas de aula do curso de Letras, Joseane, Pedro, Cristóvão, Severino (Santos) e Clécio, pelo exemplo de amizade e companheirismo.

Os professores do Curso de Letra da UEPB, em especial William, meu orientador neste projeto de Conclusão de Curso, os professores: Auricélio, Luana, Caio, Clara, Marta, e os demais que contribuíram na minha formação.

À coordenadora do curso de letras e aos funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

“[...] a ironia é indefinível, mas nem por isso inefável, [...]. (JANKÉLÉVITCH apud MOISÉS, 2013, p.255)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	07
2	JUSTIFICATIVA E METODOLOGIA APLICADA NESSA PESQUISA.....	08
3	UMA BREVE DISCUSSÃO ENTRE A TRAJETÓRIA E AS CARACTERÍSTICA DA IRONIA.....	10
4	A POÉTICA DE POE E A ESTRUTURAÇÃO DO CONTO EM ANÁLISE.....	13
5	ESTUDO DOS FRAGMENTOS QUE EVOCAM A IRONIA VERBAL.....	16
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
	REFERÊNCIAS.....	25

A IRONIA VERBAL EM “O BARRIL DE AMONTILLADO”, DE POE

Alexandre dos Santos Dionizio*

RESUMO

Este artigo é um trabalho realizado a partir do conto “O Barril de Amontillado” de Edgar Allan Poe, na pretensão de uma análise sobre a Ironia Verbal que se constata aplicado na obra do contista. O texto se apresenta de forma criativa, com um aspecto discursivo acerca da ironia em conformidade a sua trajetória, onde nos apossamos dos estudiosos: Moisés (2013), Brandão (2007), entre outros fortalecedores deste conceito. Seguidamente contemplaremos como Poe escreve suas composições, e é através de sua própria atuação, chamado “The Raven” que o autor mostra-nos o método utilizado por ele na elaboração de suas escritas. Logo teremos uma argumentação apurada na seleção dos fragmentos para análise, ou seja, aquelas que se observa com a colocação da ironia verbal, que por vez caracteriza um sentido figurado diante da narrativa do contista.

Palavras-Chave: Conto. Ironia Verbal. Poe.

* Aluno de Graduação em Letras Inglês na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
Email: alexandresandio@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa pretende realizar uma análise de “O Barril de Amontillado”, de Edgar Allan Poe, que faz parte do livro *Contos de Imaginação e Mistério*, de 2013. Neste estudo, pretendemos analisar o tema da ironia verbal que, por vezes, encontramos de forma dita pelo personagem principal do conto (Montresor), ele se apossa dessa faceta irônica para enredar seu oponente e capturá-lo em uma armadilha. Diante dessa perspectiva, o leitor percebe que Montresor não só utilizando o sentido literal em suas falas, mas, sim, organizando o discurso de modo irônico no decorrer da narrativa.

A contística de Poe é extensa, dentre os muitos contos significativos, temos o “O Barril de Amontillado”, em Inglês (The Cask of Amontillado), uma trama concisa, que foi publicado originalmente em 1846. A organização estrutural da narrativa, ou seja, parte de um narrador em primeira pessoa, uma forma muito peculiar de Poe e que, de certa forma, imprime um tom realístico ao texto e auxilia no desenrolar da trama. A temática da vingança é o ponto crucial no conto e o personagem principal, cujo nome é Montresor, irá planejar de maneira irônica seu ato vingativo para com seu adversário.

A história se passa em solo italiano, em pleno dia de Carnaval, Montresor encontra Fortunato a quem ele busca vingar-se, por ter sido ofendido no passado, não suporta mais os insultos de seu oponente, desse modo, busca um método para ficar livre de toda essa difamação, o modo encontrado para tal é tramar a morte de seu rival de forma perfeita, objetivando o desconhecimento do público. A vingança começa a ser traçada, Montresor convida seu amigo para mostrar um barril de Amontillado, conduz ele sempre dizendo que tem suas dúvidas sobre o que tinha comprado e que só Fortunato poderia ajudá-lo naquele momento. Então, Fortunato age ao encontro do plano de seu agressor e vai até as catacumbas no porão do castelo. No percurso feito pelos dois, Fortunato passa mal, Montresor com seu jogo irônico inibe/convence seu inimigo, e leva-o até o final da cripta, onde algema Fortunato na parede e em seguida prende-o, e assim emparedando e escondendo sua vingança bem-sucedida.

Ao analisar o conto “O Barril de Amontillado” e observando o enfoque na ironia verbal, utilizamos dos teóricos que irão nos ajudar nessa pesquisa: Aragão (2013), Massaud Moisés (2013), Brandão (2007), Conz (2010), *entre outros*. O verbete “ironia” será o conceito teórico principal para nos guiar em nossa pretensão analítica. A “ironia” encontrado teorizado

pelos vários autores, vai nos mostrar de forma mais específica a compreensão da própria palavra e irá nos ajudar a conhecer a ironia verbal que será investigada dentro do conto.

2 JUSTIFICATIVA E METODOLOGIA APLICADA NESSA PESQUISA

Escolhemos o conto “O Barril de Amontillado” devido à utilização da ironia dentro da narração. Ao ler atentamente o texto, percebemos no relato em si que, o narrador trata seu oponente por meio de um diálogo irônico, tendo em vista consumir sua vingança. Brandão (2007, p. 65-66) explica que: “[...] o enredo, desloca-se para o plano das experiências humanas e suscita reflexões, por exemplo, a respeito da assustadora capacidade do homem para arquitetar uma vingança de forma mascarada, enganadora e perversa”. Por essa ótica, o protagonista vingador se vale da ironia para deixar implícitas sua vingança e assim enganar seu agressor e levá-lo para o abismo, sem que o mesmo o perceba a estratégia formulada por Montresor. Utilizando a estratégia da ironia, Poe nos dá uma estrutura textual que segue o padrão de sua poética com os seguintes aspectos: “enredo bem elaborado”, “conto curto”, mas impõe um desafio ao leitor.

Elegemos essa delimitação analítica, devido ao processo irônico que ocorre dentro da estrutura do conto, a qual detectamos de início com o título, e continua ao passo em que o narrador narra a história. Tentar entender essa delimitação nos mostrará uma imagem da organização do conceito de ironia dentro da narrativa. Brandão (2007) aponta que:

A estratégia, tão bem trabalhada pelo autor implícito, que é também narrador protagonista, para captar nosso interesse de leitores, ao ponto de fazer com que esqueçamos da ameaça de traição, é efetivada pela ironia, tropo que pode ser entendido, em seu significado mais evidente, como dissimulação pelo discurso, isto é, o que se diz expressa o contrário do que se pretende; é uma simulação. (BRANDÃO, 2007, p. 69).

O narrador estrutura bem o relato, tanto que a incerteza e o lado malicioso do personagem são expostos apenas no final, ele não age impulsivamente ou deixa brechas para o entendimento prévio de sua real ação, tudo é detalhadamente planejado. No entanto, a evidência de um texto com bastantes expressões que contradizem o que se fala, forma uma grande narrativa repleta de sentido, colocando os leitores a pensar e buscar entender o que vai acontecer a cada passo até o final da história.

Como demonstrado até o momento, observamos a possibilidade analítica de nossa proposta. Assim, as contribuições de Massaud Moisés serão relevantes para o

desenvolvimento da análise. No verbete “ironia”, o autor nos mostrará uma compreensão dinâmica sobre ironia, ajudando-nos a investigar o conto com uma visão apurada. O dicionário reúne em ordem alfabética, os vocábulos e respectivas explicações sobre diversos termos literários, e um dos termos explicados é a ironia. Este verbete está repleto de informações relevantes para nosso estudo, fixando não só o sentido primário dos termos de entrada, mas também mostrando outras possibilidades de aplicação e contextualização desses termos. Moisés (2013) dará uma concepção panorâmica dos estudos abordado aqui e muitas ideias preciosas que irão estabelecer uma ponte crítica para que entendamos os fatos empregados no conto de Edgar Allan Poe.

Esta é uma pesquisa bibliográfica, sendo utilizados materiais selecionados em livros e sites especializados da internet e artigos publicados na mesma. Todos os textos foram lidos e fichados para melhor compreensão e facilidade nas citações que serão utilizados no nosso trabalho. Primeiramente, lemos o conto diversas vezes e separamos as partes de maior relevância, sempre comentando os fragmentos fichadas no texto, e daí, então, começamos a perceber que esse conto demonstrava algo que poderíamos ir mais adiante. Deste modo, resolvemos analisar a estruturação da ironia verbal contido no conto. Depois deste entendimento, as escolhas teóricas e críticas foram significativas para o entendimento do conceito aplicado ao *corpus*. Por fim, realizamos o exame analítico do texto do texto.

O texto está organizado da seguinte forma:

Primeiro momento - uma discussão teórica sobre o termo ironia, por meio desta, teremos conhecimento prévio do que iremos trabalhar mais adiante, assim se abre um leque com base nos teóricos e críticos que serão utilizados na pesquisa, visando um entendimento facilitador sobre o termo abordado. Para isso, destacamos o uso dos teóricos e críticos citados anteriormente.

Segundo momento – descreveremos o modo de escrita de Poe, ou seja, sua poética. Assim, teremos um panorama sobre o a visão artística do escritor americano e seu modelo de estruturação narrativa.

Terceiro momento - veremos os traços da ironia representada no conto em análise, em que avistaremos as partes formadoras desses aspectos verbais com intenção de duplicidade de sentido. Faremos diversas observações em frases ironizadas encontrada na narrativa de Poe em análise.

3 UMA BREVE DISCUSSÃO ENTRE A TRAJETÓRIA E AS CARACTERÍSTICAS DA IRONIA

A ironia é um termo literário que já vem sendo estudado há muito tempo. Veremos então na citação seguinte onde está relatado que: “A tentativa de estudar e compreender a ironia tem origem filosófica. Foram os pensadores que tentaram, pela primeira vez, utilizar-se de um meio de explicar, assim como de apreender, o que tal fenômeno seria.” (CONZ, 2010, p. 13). Logo o estudo deste termo vem acontecendo há muito tempo e os filósofos até então, tiveram uma grande contribuição para o surgimento deste elemento discursivo que seria palco de estudo no futuro por diversos outros autores.

Os socráticos platônicos tiveram os primeiros olhares mais aprofundado a respeito da ironia, deste ponto teríamos uma ideia mais centrada que seus antecessores acerca do objeto de estudo referido. Daí por diante, cada vez mais vem se alavancando os novos conceitos criados pelos estudiosos que acompanham o avanço da mesma em sua trajetória. Assim sendo, depois da grande colaboração dos pensadores, muitos outros teóricos e críticos se dedicaram ao estudo da ironia, buscando cada vez mais o aprofundamento da análise deste conteúdo. Portanto, o conceito ironia está avançando, e a cada tempo que se passa sua complexidade vem aumentando, como o próprio Moisés (2013, p. 255) expôs: “[...] é das categorias literárias mais complexas, senão das mais polêmicas, em razão dos seus vários sentidos ou das numerosas interpretações que suscita, além dos vínculos estreitos com noções vizinhas”. Abrangendo a dificuldade citada pelo autor acima, veremos em seguida a obscuridade a respeito do conceito de ironia:

O conceito de ironia não é unívoco. Há possibilidades de análise em nível histórico, se mostrarmos as épocas da ironia, através da ironia grega (incluindo ironia socrática e ironia trágica), ironia romântica (com variados nomes do pensamento alemão do século XVIII) e ironia moderna – através de uma série de revisões sobre a própria literatura, contada a partir do Romantismo. Há também a possibilidade de análise em nível funcional, se compreendermos a ironia enquanto função retórica ou como uma postura diante da arte ou até mesmo a ironia enquanto centro das discussões acerca da própria arte. Logo, um problema que se interpõe ao estudo da ironia é o de saber como devemos proceder à análise (ARAGÃO, 2013, p. 2).

Acima, o autor nos mostra que a palavra ironia, mais do que nunca, vem sendo conceituado por diversos pensadores em épocas distintas, e cada um com a especificidade para sua determinada época. Então, percebemos que não há uma solução concreta para

entendermos este vocábulo, mais podemos adequar cada definição a seu determinado estágio. Para complementar, Moisés cita outros autores a respeito da problemática da ironia dizendo o seguinte:

É praticamente unânime a ideia de que o seu conceito, mercê sua evidente instabilidade (Muecke 1978: 478), escapa a qualquer uniformidade. Um dos seus estudiosos mais atentos começa por dizer que é “notória a esquivança do conceito de ironia” (idem 1976: 1). Outro, além de se referir às noções cognatas, como o sarcasmo, a tragédia, a comédia, o romantismo, a sentimentalidade, etc., que “levam ao desespero quem acreditar que algum dia se possa encontrar um núcleo unificador” do conceito de ironia, julga necessário estabelecer distinção entre os vários conteúdos irônicos e o “estudo da ironia como forma interpretativa” (Kaufer 1983: 451).

Por fim, para não estender demasiado a lista, ressalte-se que Vladimir Jankélévitch dedicou uma obra inteira ao exame da ironia, alinhando uma série de conceitos, inclusive os que já tinham sido assinalados pelos seus precursores [...]. (MOISÉS, 2013, p. 255).

Percebe-se que o conceito uniforme de ironia vem ser ímprobo para os literatos Muecke, Kaufer e Vladimir Jankélévitch. Eles desacreditam que um dia será possível que a definição venha estabelecer essa igualdade de sentido, sabendo que temos diversos conteúdos irônicos, com diversas formas interpretativas. Vejamos então o que Vladimir Jankélévitch, citado por Moisés tem a dizer desta palavra:

[...] “a ironia é indefinível, mas nem por isso inefável”, “a ironia poderia chamar-se, no sentido próprio do termo, uma *alegoria*, ou melhor, uma *pseudologia*, pois ela pensa uma coisa e, à sua maneira, diz outra”, “a ironia não quer que se acredite nela, mas que seja *compreendida*, isto é, *interpretada*”, “a ironia [...] é uma *simulação* [...], mas do que uma dissimulação, uma conduta cheia de manigâncias e de retratações [...], uma intriga insidiosa e complicada” (JANKÉLÉVITCH apud MOISÉS, 2013, p.255).

O autor destaca a ironia a ser chamado de uma forma figurada, trazendo a ideia por meio do qual se pretendia descobrir concepções filosóficas embutidas figurativamente nas narrativas mitológicas. Além disso ele relata que a ironia é para ser interpretada e não para ser acreditada.

Para caracterizar a ironia, Jankélévitch aponta, mas não a identificam, nesse caso percebe-se que ao longo do tempo, a trajetória da ironia vem tomando múltiplos sentidos, e complicações que se estende por duas eras, como diz Moises (2013, p.255), “[...] a primeira, que vem desde a Antiguidade clássica até o século XVIII, [...]. Na etapa seguinte, que se estende até os nossos dias, [...]”. Muitas coisas aconteceram nesses dois períodos longos de

batalha com a discussão a respeito de ironia, tanto que varias características foram dadas para descrever a ironia em sua grande trajetória, entre elas se percebe, “No curso da hegemonia filosófica e retórica, a ironia designava a arte de interrogar, com vistas a provocar a “maiêutica”, ou o surgimento das ideias” (MOISÉS, 2013, p.255). O próprio Sócrates utilizou-a para propor dissimulação ao interlocutor dogmático, fazendo com que eles fossem confundidos e buscassem uma expansão da consciência, por meio de um questionamento onde se fingia aceitar as respostas do interlocutor (oponente), até que este chegasse a uma contradição e percebesse assim os erros do próprio raciocínio.

Quanto aos tipos de ironia, muitas são citadas por diversos autores e empregadas em diversas formas de conhecimento. Moisés descreve que:

Empregada nas várias formas de conhecimento, como a Filosofia, a Sociologia, a Psicologia, as artes plásticas, o cinema, a música, as artes gráficas, a fotografia, permite que se fale em *ironia filosófica, ironia situacional, ironia cósmica, ironia universal, ironia de eventos, ironia retórica ou verbal, ironia dialética*, e tec. (2013, p. 257)

Pode-se dizer que a ironia está contida em diversas áreas de conhecimento, como citado acima, e ambas importantíssimas até os dias de hoje, e que se pode encontrar facilmente em um dos campos acima citados. Deste modo, muitos colaboradores define o tipo de ironia que está ligado a cada situação em que temos que identificá-las, sendo assim, percebe que a maior parte das teorias de retórica distingue três tipos de ironia: a verbal, dramática e de situação. Alavarce diz em seu texto que, “Muecke divide a ironia em duas grandes categorias: a ironia situacional ou observável e a ironia verbal ou instrumental. ”, (p. 25). Não sabemos dizer qual categoria se enquadra melhor, mas temos a ideia que cada estudo configura conforme as exigências situacional para cada tipo de ironia. Enquanto isso veremos nas palavras de Alavarce apontando que:

A ironia verbal ou instrumental, por sua vez ocorre quando há uma inversão semântica e, nesse caso a ironia constitui em dizer uma coisa para significar outra’ “como uma forma de elogiar a fim de censurar e censurar a fim de elogiar [...]” (Muecke, 1995, p.33). Nesse tipo de manifestação da ironia, temos um sujeito sendo irônico, logo, trata-se, em certa medida, de um modo de comportamento. Portanto, diante da ironia observável, tem-se uma situação ou uma cena que devem ser percebidas pelo observador e julgadas irônicas, não existindo, assim, “alguém sendo irônico”. Já na ironia verbal, há uma atitude irônica expressa por um sujeito, que faz uso de uma inversão semântica para transmitir sua mensagem, [...] (ALAVARCE, 2009, P.26).

É possível identificar que a ironia verbal contradiz aquilo que está sendo dito, pois seu significado dentro do contexto, constitui uma demonstração que transmite ideia traiçoeira. Já com ironia situacional, toda a ação é percebida pelo observador que percebe toda jogada irônica que está acontecendo.

Com base nesse entendimento sobre ironia, passemos para o entendimento sobre o modo de estruturação da narrativa na perspectiva de Poe e a ironia estrutural no conto em análise.

4 A POÉTICA DE POE E A ESTRUTURAÇÃO DO CONTO EM ANÁLISE

The Philosophy of Composition (A Filosofia da Composição) é um texto teórico publicado em abril de 1846, na *Graham's Magazine*. É por meio deste texto que Edgar Allan Poe descreve como um bom escritor deve traçar seus planos para produzir suas obras narrativas, precisamente, o gênero *short story*, objetivando estabelecer alguns princípios sobre a arte da composição do conto.

Em seu ensaio, observamos os procedimentos para compor o texto literário, ele deve ser disciplinado e além de tudo minucioso, e não automático como se pensa. No entanto, Poe expressa que todas as composições devem ser curtas e com proporções relevantes, com restrição dos romances, sendo necessário ser lida em uma só sentada. Esta primeira menção diz respeito à extensão da obra/leitura. O conto em análise conserva essa estrutura prescrita pelo autor de forma clara.

Outro fator importante é a criação da obra. Segundo Poe, ela deve ser estruturada para atingir um efeito, ou seja, o final. Após a estruturação, o artista deve traçar um esboço daquilo que colocar no texto. Neste ponto, o autor nos trará uma concepção lógica daquilo que se quer obter na elaboração de uma ação realizada, visando sempre uma obra que se caracterize com uma boa qualidade e um desfecho diferente daquilo que o leitor possa imaginar.

Com base nesses dois apontamentos, entendemos que a narrativa/conto está centrada em uma ideia de concepção do conteúdo narrativo por parte do artista. Segundo Poe, os acontecimentos do dia-a-dia que são tomadas como inspiração para os contistas compor sua obra, entretanto, os traços do cotidiano devem, da vida humana deve proporcionar um efeito singular no momento da leitura. Visando entender o pensamento de Poe, em *sua Filosofia da Composição*, o autor, no momento da criação de seus contos, temos o seguinte pensamento do

autor: “I prefer commencing with the consideration of an effect” (POE, 1846, p.1)”. É nesse trecho que começamos a identificar dentro do conto que estamos trabalhando, essa percepção estabelecida com o modelo, no qual, o autor fala anteriormente, dizendo que a sua preferência de início é impactar. Neste sentido, perceberemos que no início no conto “O Barril de Amontillado”, principalmente no primeiro parágrafo, iremos observar toda essa estruturação narrativa.

As mil injustiças de Fortunato, suportei o melhor que pude; mas quando ele se aventurou ao insulto, jurei vingança. Os senhores, que tão bem conhecem a natureza de minha alma, não irão supor, entretanto, que dei vazão a alguma ameaça. No fim eu teria minha vingança; quanto a isso, decididamente nenhuma dúvida — mas o próprio caráter decidido da resolução obstava a ideia de risco. Eu devia não apenas punir, mas também punir com impunidade. Um agravo permanece sem ser reparado quando a desforra recai sobre o autor da reparação. Permanece igualmente não reparado quando aquele que se vinga fracassa em se fazer ver como tal ao que cometeu o agravo. (POE, 2013, p. 105)

O primeiro parágrafo do conto nos mostra como o narrador prefere iniciar suas narrativas, esse é seu estilo, ele mesmo pronuncia, que prefere iniciar suas ações chamando a atenção, de preferência mexendo com o espírito e o coração do indivíduo. Dessa maneira ele vê que poderá está chamando a atenção daqueles que irá ler suas obras. O início do conto vem recheado da prévia dos acontecimentos que virá no desenrolar da história, de imediato o narrador coloca-nos uma boa representação do estender-se da narrativa, evidenciando e antecipando uma boa parte dos acontecimentos presente na mesma. Para tanto, percebemos isso nesse modelo adotado pelo autor, onde tornou provavelmente uma ideia nova diante de tantas outras obras existentes. Mas como é de sua natureza seus trabalhos, desde sempre se percebe que essas inovações trazidas por ele, tiveram repercussão e foram bem-conceituados até os dias atuais.

Contradizendo a ideia de outros autores, Poe em seu ensaio diz que, “Most writers-poets in especial- prefer having it understood that they compose by a species of fine frenzy- an ecstatic intuition [...] (POE, 1846, p.1)”, e já não concordando com esse plano que seria um método ultrapassado e que não teria sentido lógico para que qualquer um que seja, fossem capazes de dirigir suas obras utilizando-se desse artifício em suas produções. Ele fala que alguns autores não estão dispostos a reconstruir por onde chegou a seu desenlace, mas afirma

* Eu prefiro começar com a consideração de um efeito. (POE, 1846, p.1)

* A maioria dos escritores - poetas em especial - prefere ter entendido que eles são compostos por uma espécie de frenesi - uma intuição extática. (POE, 1846, p.1)

seu comportamento diante de seus trabalhos, pronunciando: “For my own part, I have neither sympathy with the repugnance alluded to, nor, at any time, the least difficulty in recalling to mind the progressive steps of any of my compositions [...]” (POE, 1846, p.2)*. Então, seus trabalhos são realmente bem planejados no que se percebe em suas *palavras*, onde ele mesmo diz que não teria dificuldade em fazer toda recomposição de suas obras. Desse modo, o escritor da Filosofia da Composição, considera que nada acontece por acaso e sendo assim, escreve novamente e afirmar o que foi dito: “It is my design to render it manifest that no one point in its composition is referable either to accident or intuition- that the work proceeded step by step, to its completion, with the precision and rigid consequence of a mathematical problem”. (POE, 1846, p. 2)*. Assim, o autor revela que a criação deve ser um processo contínuo, com a certeza que o trabalho de formação textual implique em um certo planejamento, ou seja, com a exatidão precisa do que se pretende obter na estruturação do conto.

Em “O Barril de Amontillado”, a estruturação da narrativa não se concentra somente no enredo, mas como as frases são ditas de forma irônica. Isto objetiva uma dupla interpretação: o real e a armadilha. Os interlocutores estão em diálogo constante, mas, há dois fatores que enriquecem o texto narrativo:

- a) O agente vingativo utilizado o discurso real e o irônico
- b) A vítima está fixa no discurso irônico.

Este processo de estruturação faz com que o leitor imagine o desfecho, mas não saiba como esse final será. Assim, podemos perceber a interferência direta da elaboração teórica no texto ficcional.

“O Barril de Amontillado”, como tantas outras de suas obras de Poe, são identificados como um modelo que dá medo aos indivíduos. Talvez seja esse tipo de história de horror que mais se aproximam dos piores sentimentos humanos, como ele próprio coloca em seu ensaio “The Philosophy of Composition”, que gostaria de trazer algo belo, mas não uma beleza como muitos autores descrevem, e sim aquela que reformulasse um sentimento marcante, ou melhor assustador. Sendo assim o escritor estabelece essa ligação de vingança, terror e medo no conto em análise, sem deixar passar despercebido a frieza com que o personagem principal se

* Por minha parte, não tenho nenhuma simpatia pela repugnância aludida, nem, a qualquer momento, a menor dificuldade em relembrar os passos progressivos de qualquer uma das minhas composições[...] (POE, 1846, p.2).

* É meu desígnio manifestar que nenhum ponto em sua composição é referível a acidentes ou intuição - que o trabalho prosseguiu passo a passo, até sua conclusão, com a precisão e a consequência rígida de um problema matemático. (POE, 1846, p.2)

apossa de seu inimigo. Tendo em mente o processo irônico utilizado pelo personagem principal do conto em análise, partimos para o momento analítico.

5 ESTUDO DOS FRAGMENTOS QUE EVOCAM A IRONIA VERBAL

Entre os diversos motivos que justificam a nossa escolha por analisar a ironia verbal encontrada no conto “O Barril de Amontillado”, de Edgar Allan Poe, foi saber que suas obras não somente estão centradas em um enredo bem elaborado, mas, também, a presença irônica. Esta é constatada pelas várias leituras que fizemos da narrativa, a qual, de primeira mão, já nos chama a atenção pela forma como se encontra organizada essa farsa no enredo da ficção do contista, que se manifesta por um desejo de vingança. Desde já começamos a perceber esse aspecto a partir do título do conto, que colocará o leitor a pensar e refletir bastante diante da mesma. A denominação: “O Barril de Amontillado”, que de acordo com a interpretação literal, pode ser aceita como o sentido popular da palavra ou expressão, que é um vinho raro produzido na Espanha. Mas, se formos analisar pelo seu sentido irônico, presenciaremos que essa trará o sentido correspondente aos fatos contidos na narrativa investigada.

O conto em si está repleto de termos irônicos e, esta a ironia é opção do protagonista principal para se vingar de seu desafeto sem que ele o perceba. Montresor ilude Fortunato, se expressando ironicamente, e fazendo com que seu inimigo acredite em sua conversa, assim como ele mesmo diz:

Fique bem entendido que nem por palavras, nem por atos dei a Fortunato motivo para duvidar de minhas boas intenções. Continuei, como de costume, a sorrir em sua presença, e ele não percebeu que meu sorriso agora era com o pensamento de sua imolação. (POE, 2013, p.105).

Ele confessa o jogo tramado para seu inimigo, nos relata como se comporta diante do caso e, assim sendo, fez com que seu adversário não entendesse que estava sendo manipulado naquele momento. Esta exata condição ao que o falante se comunica no conto, Brandão (2007, p. 67) nos explica que: “por meio da ironia, o narrador protagonista dissimula sua intenção, numa interação coerente de intenção e forma, ” ou seja, o plano é caracterizar bem, mostrasse com mínima intenção de ofendê-lo, mas querendo afrontar por cada momento da história. Ainda se percebe que, além de fingir, o protagonista estrutura adequadamente o

ambiente, mostrando sua capacidade possessiva para com seu inimigo, a quem ele pretende retaliação ou chacotear.

Em outro momento do conto, Montresor dá continuidade ao que tinha prometido, e mais uma vez se coloca a ironizar, percebe-se que esse método optado pelo personagem vem funcionando perfeitamente. Nesse momento ele expressa-se dizendo ao seu oponente: “(...) Fiquei tão feliz ao vê-lo que achei que não conseguiria parar de apertar sua mão” (POE, 2013, p.105). Na visão do leitor, essa citação é estranha; pois, dificilmente gostamos de encontrar um desafeto. Porém, precisamos lembrar das intenções do personagem, assim vemos como a ironia verbal é instaurada gradativamente. O personagem principal cria um ambiente propenso para o ato vingativo. A ironia verbal de Montresor está relacionada ao enredo e prossegue objetivando o *efeito* final. Nesse instante, o início da trama, o personagem ressalta dizendo que está contente ao ver Fortunato, “seu grande amigo”, mas interpretamos que sua felicidade não era pelo tempo que tinha se passado sem avistá-lo; contudo, porquanto depois de perder as esperanças em vingar-se, o encontra, firmando que esse seria o momento para que a revanche fosse realizada.

Suas palavras não deixaram desconfiança alguma para que seu rival pensasse em um ato vingativo “de seu amigo”, tanto que, percebemos a facilidade que Montresor teve para conduzir Fortunato para sua sepultura. Nesse momento o contraste das palavras estabelece uma concepção parecida ao discurso real, e por esse motivo, Fortunato não desconfia que está sendo iludido ironicamente. Segundo Moisés (2013, p. 256), temos a seguinte caracterização da ironia:

A ironia funciona, pois, como processo de aproximação de dois pensamentos, e situa-se no limite entre duas realidades, e é precisamente a noção de balanço, de sustentação, num limiar instável, a sua característica básica, do ponto de vista da estrutura.

Neste caso os termos irônicos vão ter duplo sentido, tanto na significância do enredo, quanto para o leitor que entenderá ou não essa desavença. São várias as dimensões que se incorpora a composição irônica dentro de um texto ou narrativa, essas grandezas molda o significado superficial ao termo citado, e é assim que teremos um aspecto diferencial de sentidos. No conto de Poe, teremos muitas passagens representativas dessas evidências, vejamos então a representatividade desses casos:

Disse-lhe — “Meu caro Fortunato, que sorte havê-lo encontrado. Como se acha em tão excelente aspecto hoje! Acontece que acabei de receber uma pipa do que se passa por amontillado, e tenho cá minhas dúvidas”.

“Como?”, disse ele. “Amontillado? Uma pipa? Impossível! E no meio do carnaval! ”
 “Tenho cá minhas dúvidas”, repliquei; “e fui ingênuo o bastante de pagar o preço total do amontillado sem consultá-lo na questão. Não o pude encontrar, e receei perder uma pechincha.” (POE, 2013, p.105).

O personagem principal se disfarça muito bem em seu discurso irônico, a sua fisionomia pode até apresentar um caráter honesto de alguém verdadeiro, mas em seu diálogo se percebe as mentiras concretizadas por ele. Sua estratégia é perfeita e convence muito bem Fortunato sem que o mesmo entenda o que está sendo tramado contra sua vida. A exorbitância ironizada das inverdades articula muito bem, todo o conto como diz Souza *apud* Januário (2009), sobre esse processo:

A determinação meramente verbal da ironia como figura do discurso não atinge a dimensão essencial do princípio artístico da composição irônica. A ironia não resulta tão-somente da soma de frases ou segmentos irônicos. Na obra de arte regida pelo princípio da ironia, toda e qualquer parte aparentemente não-irônica se torna radicalmente irônica. Poeticamente concebida como princípio que articula a estrutura da obra de arte, a ironia preside à gênese e ao desenvolvimento de cada uma e de todas as partes. (...) a ironia (...) é estrutural, e não apenas verbal. (SOUZA *apud* JANUÁRIO, 2009, p. 1).

Para o autor a ironia se concretiza em toda a estrutura de uma obra, essa por vez, resulta em uma ação que se caracteriza como um feito irônico dentro de toda narrativa, por esse motivo dizemos que esse conto é totalmente recheado de contradições ou melhor de termos irônicos. Vejamos o nome *Fortunato*. Este nome indica fortuna ou sorte e também felicidade; entretanto, na estrutura narrativa desse conto sinaliza para azar. Temos uma ironia refinada até nos mínimos detalhes. Deste modo, Poe trabalha com esse estilo de narrativa como afirma Januário (2009, p. 1), “[...] a obra de Edgar Allan Poe pode ser considerada irônica, uma vez que o autor de *O corvo* soube valer-se da ironia para criar uma interação entre o narrador e o leitor”. E sendo assim, realmente percebemos que essa interação suplica no acontecimento narrado em toda a obra, justamente porque só assim é que teremos um discurso inteligente e cheios de características próprias do autor.

Adiante, continuamos nossa análise com mais um trecho do conto que marca universalmente com um procedimento particular deste literato, revolucionando com seus trabalhos, não só pela sua capacidade, mais também por seu compromisso diante desse evento

proposto. Analisamos a seguinte parte de sua obra, onde mais uma vez encontramos uma conversa sarcástica*. Vejamos:

Como vejo que anda ocupado, estou a caminho do Luchesi. Se existe alguém com tino crítico, esse alguém é ele. Decerto saberá me dizer——
Luchesi não sabe diferenciar amontillado de xerez.
E contudo haverá esses tolos afirmando que o talento dele para a degustação é páreo para o seu. (POE, 2013, P. 106)

No segmento anterior, mais uma vez o protagonista se destaca com seu jogo perfeito para falsear o diálogo, forjando ironicamente que estava em busca do Luchesi, homem que segundo a narrativa seja conhecedor de vinhos. Montresor usa deste pretexto para fazer seu inimigo acreditar em sua versão conquistadora, e fazer com que seu inimigo prosseguisse ao caminho do porão, lugar propício para a execução da vingança. Nesse momento, ele se utiliza de uma paciência e principalmente de uma estratégia perfeita para ser utilizada com seu rival, e ainda, sem que o impelisse a ir pela brutalidade. A sinceridade e a maneira elaborada de Montresor determinam no consentimento de seu interlocutor para o diálogo existente entre os dois, e esse por vez, consoma o que foi dito no início do conto, a vingança por parte do personagem principal, que cada vez mais confirma seu desejo que vem percorrendo diante do enredo. Ainda percebemos que Fortunato está cativado diante da conduta dialogada no conto, onde o mesmo diz que Luchesi não entende nada sobre vinho amontillado, vaidoso e sem querer perde o posto para Luchesi, convence de ir em busca desse tão esperando vinho, como sequencialmente ele replica:

Vamos, a caminho.
De onde?
De suas caves.
Meu amigo, não; não quero abusar da sua boa natureza. Percebo que tem algum compromisso. Luchesi——
Não tenho compromisso; — vamos.
Meu amigo, não. Não se trata de compromisso, mas do grave resfriado que percebo afligi-lo. As caves são de uma umidade insuportável. Estão encrostadas de nitro. (POE, 2013, p. 106)

Diante deste diálogo, percebemos que o objetivo vem se concretizando, e Fortunato aceita ir até a cave, segundo o protagonista encontra-se o vinho. Desta vez, Montresor questiona seu opositor do seu compromisso, e fala que Luchesi não teria nenhum comprometimento. Espeto e ciente de seu papel, o narrador personagem se apodera de seu

* Que zomba ou debocha

mecanismo verbal, e faz seu inimigo novamente prosseguir adiante. Entretanto Moisés (2013, p. 256) aponta que: “a ironia resulta do inteligente emprego do contraste, com vistas a perturbar o interlocutor”, que passa a ser “enrolado” pela ação pretendida do personagem que busca vingança por um desafeto do passado. No caso a cima, o talentoso Montresor disfarça muito bem sua conversa com seu inimigo e avança em sua meta.

Em outro momento da história e com a mesma intenção do princípio, o diálogo permanece; nesse momento, os dois já se encontravam a caminho do barril de amontillado, que tanto se fala. Nesse momento, o agressor afirma dizendo:

Vamos”, disse eu, com determinação, “vamos voltar; sua saúde é preciosa. É rico, respeitado, admirado, querido; é feliz como eu já o fui outrora. É um homem cuja perda se fará sentir. Por mim, não faz diferença. Vamos voltar; vai ficar doente, e não quero ser o responsável. Além do mais, tem o Luchesi— (POE, 2013, p. 107).

Ele ironicamente fez seu papel, mesmo querendo se passar por uma pessoa que estivesse preocupado com a situação de saúde do seu adversário, no entanto, procede com palavras de agrado para com seu oposito, com o objetivo é inibir, fazer com que acredite que sua gentileza seja verdadeira, só assim é que ele conseguirá da continuidade ao seu plano. Como diz Moisés (2013, p. 256), “ A ironia parece respeitar o próximo, tem qualquer coisa de construtivo, [...].” Moisés, em suas palavras, confirma o que se passa dentro da história de Poe, realmente o personagem principal se mostra como se tivesse a maior consideração pelo rival, “[...] a falsa preocupação de Montresor fica evidente para o leitor, uma vez que ele, mais uma vez, incita a vaidade de Fortunato aludindo que irá buscar por Luchesi para averiguar o barril do cobiçado vinho (JANUÁRIO, 2009, p. 1)”. Mas provavelmente sua intenção é de zombar, acabar com o homem que extinguiu com seu entusiasmo no passado, dando a entender que foi uma pessoa feliz, mas devido a Fortunato, sua felicidade despencou, e agora o que resta é vingar-se do seu antagonista.

Na busca da ironia verbal chegamos em mais uma frase irônica, desta vez quem utiliza-se da mesma, é o próprio Fortunato dizendo: “ ‘Chega’, disse ele; ‘esta tosse não é de nada; não vai me matar. De tosse é que não vou morrer’ (POE, 2013, p 107).” Na expressão citada, Fortunato diz que não é a tosse que irá matá-lo, então, já premeditando o que irá acontecer pessoalmente, manifesta-se ironicamente em seu discurso. Sem saber, parece que nesse momento sua razão está confirmada, não que seja intenção dele, ou que saiba o que está sendo conspirado contra si próprio, mas porque parece prever seu futuro diante de tal situação

passada. Ironicamente essa expressão terá o sentido que ele não será abatido pela tosse, mas por alguém que planeja passo a passo seu desaparecimento.

Até o momento, a narrativa enfatiza muito bem a tendência vingativa de Montresor para com seu inimigo número um chamado Fortunato. O protagonista continua com sua magia, ilude o antagonista a cada passo que avança a narrativa, ele sabe que o mesmo está embriagado, talvez seja essa fragilidade que aumenta a chance de trapacear e vendo essa situação, o personagem principal oferece vinho para manter Fortunato bêbado. Na frase seguinte, descaradamente Montresor insulta novamente dizendo que já está tarde, e que seria melhor que eles voltassem, para que a tosse não ficasse pior.

O nitro!”, disse eu; veja, ele aumenta. Pega como musgo pelas caves. Estamos sob o leito do rio. As gotas de umidade pingam entre os ossos. Venha, voltemos antes que seja tarde demais. Sua tosse...” “Não é nada”, disse; “vamos prosseguir. Mas primeiro, outro trago do Médoc. (POE, 2013, p.107)

O pedido para voltar, nada mais é que dizer, “prossiga adiante”, se o vingador tem seu plano traçado, “o narrador não deixa transparecer a seu desafeto o que planejava contra ele: uma vingança que o punisse, fazendo-o saber quem era o vingador, mas isentando esse último de qualquer risco”. (JANUÁRIO, 2009, p. 2). Na citação acima, o vingador jamais deixará transparecer suas intenções ao seu inimigo, e só sendo irônico e que fará com essa ideia fique oculta ao entendimento de Fortunato.

Já perto do ponto deseja pelo personagem, o narrador descreve: “Prossiga, disse eu; aí dentro está o amontillado. Quanto a Luchesi—É um ignorante dos ignorantes”, interrompeu meu amigo, dando um passo hesitante à frente, conforme eu o seguia imediatamente nos calcanhares” (POE, 2013, p.108 e 109). No entanto, o protagonista coloca o antagonista no ponto desejado e perfeito para sua vingança, ele conseguiu graças a ironia verbal utilizada diante de todo o percurso feito pelos dois, a insinuação irônica prevaleceu em toda a história. Quando o personagem diz que ali está o amontillado, ironicamente ele expressa que é naquele lugar que está a morte de inimigo, mas sem entender do que está a vir contra si, Fortunato faz o que seu algoz pede. E não sendo diferente, outro ponto que marca o escárnio por parte de Montresor é:

Passe a mão”, disse eu, “pela parede; não deixará de sentir o nitro. De fato é muito úmido. Mais uma vez, permita que lhe implore para voltar. Não? Então devo decididamente deixar sua presença. Mas, primeiro, quero lhe conceder todas as pequenas atenções ao meu alcance. (POE, 2013, p.109)

No trecho acima, a ironia prevalece diante da situação em que se encontra Fortunato. O narrador chama novamente, assim como acontece em toda narrativa, e desta vez pede ao seu inimigo ironicamente para regressar. Sabemos que isso não tem nem um pouco da verdade, mas compreendemos que depois de tantas mentiras, zombaria, o fim de Fortunato está perto, mais desta vez não é nada irônico.

O conto “O Barril de Amontillado”, possivelmente, podemos dizer que essa narrativa há o processo de ironia verbal entrelaçada à sua estrutura/enredo do início até o final da obra. Então, se observarmos bem, ela está presente constantemente dentro da narrativa não só nas frases ou expressões, mas encaixa em nomes ou palavras, vejamos o que diz Brandão (2007, p. 75), “o próprio nome, Fortunato, ironicamente sinaliza o oposto de seu significado, ou seja, não o que tem sorte, mas sim aquele a quem falta a sorte.” No entanto no conto de Poe, Fortunato é um nome que significa o contrário do que diz Brandão.

Pelos acontecimentos e por tudo que passou o antagonista, podemos afirmar que o mesmo realmente é um homem sem sorte, deixou se levar pelas palavras de um homem que afirmou vingar-se ironicamente de seu desafeto. Fortunato morre dentro da cripta, pois foi enredado pela língua de Montresor gradativamente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi analisar a *Ironia Verbal* no conto “O Barril de Amontillado” do escritor Norte Americano, Edgar Allan Poe, que trouxe-nos uma imagem de seu estilo próprio e inovador, caracterizado por uma reformulação contemporânea. Buscamos compreender e localizar os enunciados com evidências irônicas que estabeleçam em sentidos contraditórios da fala e escrita, que muitas vezes apareceu de forma a iludir o personagem secundário da narrativa em estudo. Outro ponto caracterizado na história, é a abordagem da ironia para com os leitores diante do texto, sabendo que a leitura proporciona olhares simbólicos dos acontecimentos, e de especial, a comunicação entre os vários cenários que se coloca à disposição.

Os teóricos e críticos Massaud Moisés (2013), Brandão (2007), Alvarce (2009) entre outros, foram de grande importância para nos ajudar na análise do conto de Poe, e não só na análise, mas em diversos pontos a respeito da ironia, da poética de Poe e outros fatores que foram discutidos durante nossa investigação. Eles reforçaram com clareza nosso entendimento diante deste projeto, mostrando-nos caminhos que revela perspectivas figuradas dentro da

história analisada. Entretanto, essa pesquisa aponta o refinamento da utilização da ironia em uma obra literária. Observamos essa categoria (ironia) em diversas épocas diferentes e por diversos estudiosos que apresentam seu entendimento conceitual referente ao que se entende por ironia, assim, inferimos que até hoje, não se estabelece um sentido homogêneo referente ao termo em questão.

A averiguação desta proposta nos traz uma reflexão em relação à ironia verbal que se encontra engajada dentro do texto investigado, onde nos apossamos de pesquisas que foram realizadas para melhor compreensão do conteúdo abordado neste trabalho, que por vez teve um importante aproveitamento. Sendo assim as reflexões só complementaram uma as outras, fortalecendo a ideia proposital que colocamos dentro desta investigação.

Já no primeiro capítulo foi discutida a trajetória da ironia, em que desvendamos uma breve discussão a partir dos primeiros conceitos que foram dadas para o termo estudado, pela qual, podemos dizer que foi a partir daí que apuramos nosso conceito referente a esse estudo. Segundo capítulo a poética de Poe é introduzida no contexto analítico, ele expõe através de sua obra "The raven", seu comportamento para produzir suas composições, e foi por meio desse ensaio que chegamos a um panorama de como ele atuava em seus projetos. Pensando, assim, compreendemos que essa sua originalidade (método que escreve suas composições), tornou-o reconhecido, e não só pelo reconhecimento, mas pela responsabilidade tomada diante de suas obras e principalmente em suas composições. No terceiro e último capítulo foram mostradas nossa análise nos trechos da narrativa que confere como sendo irônicas, esse foi um momento de muita reflexão, habilidade e paciência, pois só assim é que chegamos à conclusão do nosso objetivo nessa conjuntura.

A IRONIA VERBAL EM "O BARRIL DE AMONTILLADO", DE POE

ABSTRACT

This article is a work based on the story "The Cask of Amontillado" by Edgar Allan Poe, in the pretension of an analysis on the Verbal Irony that is verified applied in the work of the short story. The text presents itself in a creative way, with a discursive aspect about the irony in accordance with its trajectory, where we get hold of the scholars: Moisés (2013), Brandão (2007), among others strengtheners of this concept. Then we will contemplate how Poe writes his compositions, and it is through his own performance, called "The Raven" that the author

shows us the method used by him in the elaboration of his writings. Soon we will have a precise argumentation in the selection of the fragments for analysis, that is, those that are observed with the placement of the verbal irony that at the same time characterizes a figurative sense before the narrative of the short story.

Keywords: Tale. Verbal irony. Poe.

REFERÊNCIAS

ALAVARCE, CS. **A ironia e suas refrações: um estudo sobre a dissonância na paródia e no riso** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 208 p. ISBN 978-857983-025-9. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

ARAGÃO, Hudson Oliveira Fontes. **Ironia e Literatura: Interseções**. Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_1467.pdf>. Acesso em: 16 de mar. 2018.

BRANDÃO, Antonia Marisa Rodrigues. **O barril de amontillado: leitura de um leitor testemunha**. In: Kalíope, São Paulo, ano 3, n. 1, p. 62-81, jan./jun., 2007. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/kaliope/article/view/3733/2434>>. Acesso em: 11 de mar. 2018.

CONZ, Jaqueline. **IRONIA VERBAL: Teorias e Considerações**. Porto Alegre. 2010. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream_id/66571/000775562.pdf> Acesso em 2 de abr. 2018.

JANUÁRIO, Simara Aparecida Ribeiro. **Nemo Me Impune Lacessit: Ironia e Vingança em “O Barril de Amontillado”**. Congresso Internacional para Sempre Poe. 2009. Belo Horizonte. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/pt/document/view/12965258/ironia-e-vinganca-em-o-barril-de-amontillado-julio-jeha>>. Acesso em 25 de mar. 2018.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. - 12ª ed. Ver., ampl. e atual. - São Paulo: Cultrix, 2013.

POE, Edgar A. **The Philosophy of Composition**. 1846. Disponível em: <<http://xroads.virginia.edu/~HYPER/poe/composition.html>> Acesso em 01 de abr. de 2018

POE, Edgar A. **Contos de Imaginação e Mistério**. Tradução de Cássio de Arantes Leite. 1ª ed., 2012 / 3ª reimpressão. São Paulo – SP. 2013. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/download-contos-de-imaginacao-e-misterio-edgar-allan-poe-em-epub-mobi-e-pdf/>>. Acesso em: 5 de mar. 2018.